

Vibrações, pulgueiros e “Ladrões de Bicicleta”

João Antônio

— Você aprende.

Um dia, ao escrever minha memória de Glauber Rocha, será provável que remonte aos nossos encontros em 67, no Teatro Carioca, da Rua do Catete, quando surgiu na cidade a expressão tremendão. Usada, muita vez, para ele. Dez anos depois, nossas conversas se mudaram para o Centro do Rio de Janeiro.

Partíamos de um café prosaico da Rua México e passeávamos até aquilo que se chama a capital do cinema no Rio, o miolo dos distribuidores da Rua Álvaro Alvim, na Cinelândia.

E, sem remédio, desembocarei, nessas recordações, na vida inquieta e sofrida de um mulato de Todos-os-Santos, nascido embora na Rua Ipiranga, em Laranjeiras — Afonso Henriques de Lima Barreto.

Glauber de Andrade Rocha se amarrotara com a morte de Aneci. Tolerava mal a lembrança e o vi, uma vez, no tal café da Rua México, pedir, por favor, que um jornalista não trouxesse o assunto. Ainda assim, recém-machucado e bem, o baiano era ebulição. Aquela força irrefreável, o discurso ejaculado, um estado de criatividade à flor da pele e permanente, vizinhando vibração tão próxima ao delírio. Coisa sua. Como em *Câncer*, trabalhador difícil e de fatura intrincada e malsucedida, deixado como filme inconcluso, propositadamente, em que a certa altura se ouve a própria voz de Glauber ao fundo:

“num dia fascinante,
o câncer estava alucinante”.

Enquanto o crioulo, personagem central de passos cegos na cidade, deixa a Cinelândia, e tonto com o tamanho e o absurdo de sua miséria, tenta ganhar outras ruas do Centro.

Ele começava naquelas manhãs, tentando convencer-me a abandonar de vez o cigarro. Passar para os charutos. Ouvira conselho de dois obás, em Salvador, o de Jorge Amado, também obá, em primeiro lugar. Depois, “o cigarro era o maior inimigo do homem”. De resto, um vício menor, de conseqüências maiores. Charuto, vá lá, não se conseguia tragar, tapeava um tabagista inveterado como eu. Como ele.

Andávamos. Mas no caminho, a conversa subia para Lima Barreto. *Ossos, Amor e Papagaio* fugia ao tom de Lima em *A Nova Califórnia*. Uma pena. Mas vibrávamos os dois, claro. O baiano, então, explodia e idealizava. Na Rua México eu seria, em projeto, só assessor do argumentista; na Araújo Porto Alegre já fora elevado a roteirista; defronte ao Teatro Municipal ele me via de cara mais gor-

da, maquilado, envelhecido, e de carapinha amassada escapando do chapéu, chapéu coco, vivendo o papel principal. Chegávamos ao Amarelinho e, aí, eu estava fazendo quase tudo mais os diálogos definitivos. Não carecia filme realista. Eu enlouqueceria cenas com partidos-altos do morro — Darci da Mangueira, gentes da Portela, Pa-deirinho — e visões de mulatas, vagabundos, erradios e marinheiros de Di Cavalcanti. Na Rua Álvaro Alvim, eu já era o próprio cineasta do filme sobre Lima.

Então, a levitação acabava. Eu lhe lembrava. Sequer sei fotografar.

— Você aprende.

Para o baiano, tinha importância, não. Com meia dúzia de aulas, cada qual aí de duas horas, jogo feito. Eu já sabia fazer uma história. Contava, sim, só a vontade, a garra, o amor de fazer. Valia o entusiasmo. Nada de tédio. Começasse deixando os cigarros pelos charutos. Eu que me bandeasse para a Álvaro Alvim, vivesse ali uns tempos de café e sanduíches, tentasse o filme. Aprenderia o diabo e Deus naqueles chãos de febre, necessidade e sono, entre livre-atiradores, pedintes, passantes e desempregados crônicos — o cinema nacional. E, mesmo fracassando, voltaria à máquina de escrever, disporia de material para um livro decente. Um romance sobre o cinema brasileiro, um livro graúdo sobre gente miúda, como se diz na gíria cinematográfica significando povo fuleiro. Já saberia escrever o cinema brasileiro com suas dores, contorções, escondidos, picaretagens, precariedades, seus pingentes e expedienteiros. No mínimo, eu teria história à Lima Barreto com Claras dos Anjos, califórnia novas e homens que sabem javanês por todos os lados.

Loucada? Nada. Segundo Glauber, o murro valeria.

* * *

Corre lá longe um tempo, em minha memória, em que os domingos sem mar, melancolia comendo, devagar, por dentro, inda assim eram suportáveis. E bem.

Não domingos paulistas ou paulistanos. Foram domingos do Beco da Onça, da Vila Pompéia, de Presidente Altino e de Osasco. E o que me chega sobre cinema é carregado de Getúlio Vargas. A forte lembrança cinematográfica, forte, é assustadora e me bate no meio de outras... o campinho de futebol da U.M.P.A. (União Mocidade de Presidente Altino), as macarronadas e os frangos de domingo de minha tia Zulma, Zulmira, vinda do Rio para São Paulo morar, a calça boca-de-choro dos malandros ou imitadores chues de malandros, na verdade uns marmiteiros de salário mínimo, o jogo de bocha, jo-



O Avenida, uma "sala fuleira" na Avenida São João.

go de malha lá nos altos do Morro da Geada, depois da Várzea de Presidente Altino, as luas, luas de ocre na noite, a meninada mais sapeca que bonita tocando às matins de domingo no Cine Glamour. Em turminhas.

No rádio, Gegê falava. Acabava soando simpático, palavra sua ia que ia embora. Pulava do povo do Beco da Onça e da Vila Pompéia às beiradas da estrada de ferro, pegava os lados da Barra Funda e se largava no mundo.

O mundo pequeno. E grande. Estendia-se a Presidente Altino, a Osasco e, quando muito, a Itapevi, a São Roque. Sempre pela estrada de ferro ou vizinhando. Getúlio, sabíamos, havia passado ali nuns trens de madeira, lá num tempo bravo de revolução.

— A lei. Ora, a lei.

Todo o pedaço sabia que não foi ele quem nos deu o *blackout*. Mas Getúlio seria provavelmente o homem

que nos livraria. Quando os pracinhas foram convocados para a guerra, a gente imaginou o fim do *blackout*. Nunca o inferno dos soldados na Itália.

Gegê, protetor, cheio de moral, pai dos pequenos. Boatavam exemplos. Governava sem nunca ter saído do País. Não fez uma viagem ao estrangeiro. Para não perder tempo e se dedicar mais à gente. Um homem que pensava primeiro nos trabalhadores e corrigia excessos.

E, de mais a mais, aquela malemolência jogada, estirada, picardia sestrosa, ô tino, envolvimento, saber-fazer, borogodó! Aquilo nos ganhava. Passava açúcar, um alívio, sei lá. A gente sofria, pelevava, teimava. Acabávamos sorrindo, esvaziados, leves, se entregando. Como um bando de sem-vergonhas:

— Calma, que o Brasil é nosso.

Pegávamos fila, gramávamos. E bem. Mas a gente do Beco da Onça ganhou um cala-a-boca. Um fichas cor-de-rosa salvavam os mantimentos de maior necessidade — o óleo, o açúcar, o querosene, a comida principal. Havia carestia. Acreditávamos não houvesse falta. Para a gente, as fichas de racionamento eram um livra-cara.

Depois, lá no alto do Morro da Geada, minha bisavó Júlia, a que chamávamos Vovó Lula, mais a avó Nair, a que eu chamava madrinha, e meu avô Virgínio, o padrinho, criavam galinhas, patos e marrecos, pescavam no Rio Tietê ou nas lagoas dos campos do frigorífico estrangeiro e tinham ovos frescos e leite de vaca e de cabra. Havia cabras, vacas e porcos no morro, embora não houvesse água encanada, luz elétrica, rádio, televisão... e nem inflação. A carne era carne, o leite era leite, a manteiga era manteiga e o amor era amor pra chuchu.

— Fogo!

Nas luzes apagadas da matinê do cine Alhambra, na Rua Direita, alguém berra medonho. Depois, a gritaria. O filme de guerra vai na tela, o incêndio é só lá. Mas se entendeu que o cinema pegava fogo e o povo, arrepiado de susto, dispara num tropel, pula poltronas, estrepa as pernas, endoidecendo e se arrancando, catando aos trompaços as portas de saída. Um estouro. Atropelam, trombam, pisam o que topam pelo caminho. Na correria gritada, mulheres pisando de salto alto, homens chutando. Trinta meninos pisoteados ficam lá. Mortos.

Jornais dão que o País perdeu trinta soldados.

Getúlio desce uma lei. Proíbe a entrada para menores de 18 anos. Firme.

A lei. Ora, a lei.

Mas, essa, cumpriram.

Corria um tempo em que o domingo era suportável. Enfiado num trem de subúrbio da Sorocabana, eu tocava para Osasco, à casa de tia Zulma, Zulmira, vinda de Nilópolis, mais o tio espanhol, Manoel, e os primos Lola e Walter. Juntos os três e conluiados, aprontávamos trampolinagens bem.

Depois do Largo de Osasco, perigoso, que imaginávamos malandragens nos homens plantados nas esquinas e nos botequins, mariolando, parolando sobre futebol, vida alheia e pernas, quadris balangados, mulheres passando... tínhamos o cine Glamour e, em cima dele, um salão de sinuca que julgávamos enorme e uma gafeira de nome famoso por toda a malandragem e vida boêmia da cidade, "Briga de Corvo". Negros e mestiços, feito a gente, mas crescidos e amalandrados, chamegados, sensuais, cheios de marra, certamente aprontariam marotagens ardidadas na gafi. Tudo gente do balacobaco, do tenderepá. Da pá virada. Gentes do erro, dizia minha avó, a madrinha Nair.

Os seriados do Zorro, do Flash Gordon, a pirataria de Errol Flynn, os banguê-banguês de Randolph Scott e os taitis enluarados de Doroty Lamour faziam as excelências das tardes dos domingos da gente. E me apresentaram o cinema. Ninguém entendia nada de golpes de câmara, efeitos de estilo, tetos-baixos ou *travellings*. Juro que não.

Nunca ouvi ou li nos letrados a palavra vespéral anunciando uma sessão daquelas. Só matinê. E vim a conhecer a expressão poeira no Rio; em São Paulo, usava-se pulgueiro, devido às pulgas. Feito "Briga de Corvo", devido às brigas e fuás da negrada, com fugas, polícia, prisões e tintureiro em cena. Eram barulheiros, imaginávamos. Nunca víramos. Os termos jangada ou camburão ou dona maria ou os homens para nominar o carro da dona justa são recentes nos pedaços urbanos. Era tintureiro.

Lá dentro do Glamour gritaria o tempo todo, a participação suspirada, conversada e, nos filmes românticos com Lana Turner ou Merle Oberon, ao culminar, ansiosa, a cena do beijo na boca. Gritávamos em coro:

— Gol!

As poltronas de madeira estalavam com o nosso levanta-e-senta alvoroçado infernizando os lanterninhas alertas, rápidos no nosso encaço. Uns escapavam, levípedes; outros, postos para fora da sala. E naqueles escuros, lá nos fundos, casais de adolescentes aproveitavam para o namoro esfregado. Bolina.

Fiquei sabendo dessas esfregações no Glamour, de-

baixo do salão de sinuca, enorme na nossa imaginação, e da "Briga de Corvo", vibrando gingas e marras. Para nós, era tudo criouléu porreta. Bom de briga, valente no pé.

Semana toda esperávamos os seriados da matinê. Piratas e corsários, mercenários árabes, espadachins, bandido, mocinho e mocinha, falsários do espaço, pistoleiros infalíveis que só mais tarde, quando vim a me entender, senti como pistoleiros do ocaso, do entardecer. Cãidos, cansados, feito martelo sem cabo. Cinzentos.

Havia as mulheres na tela tão bonitas quanto vagas. Antes que o meu coração maliciasse, macunaímico e pendesse para Michele Morgan, a de olhos sombreados, sestrota e classuda, que ombros e que olhos... houve outras. Além de Doroty Lamour e de Merle Oberon, houve outras. Greta, claro, Greta Garbo. Havia Betty Davis, Lauren Bacal e, noutra dimensão e força, aquela mulher, a que trazia uma enciclopédia de vida na cara, silenciosamente, Ingrid Bergman.

Alguma coisa escondida, lá no fundo, me fazia intuir que Michele e Ingrid eram pessoas importantes, mais que mulheres lindas.

* * *

Há, no meu sentir, varrendo daquele tempo para hoje, incomodando, algumas lacunas nas obras de alguns escritores; não consigo explicação.

Mário de Andrade, por falar nisso. Vivendo naquela época na Rua Lopes Chaves, na Barra Funda, não entendo como não levou ao papel uma só linha dos armazéns da estação de entroncamento da estrada de ferro, dos carroções puxados por burros no Largo da Banana, aquele bebedouro redondo e inesquecível, das gafeiras da Rua Barra Funda, da negrada e da mulataria da Alameda Olga, das vizinhanças da Mansão Mormanno e, ao lado, do Cine Santa Cecília. Mário sequer terá passeado por essas regiões tão ali? Aquilo próximo à Lopes Chaves era forte, cheirando a suor e a cebola, a burros de carga, ressoando a carroceiros e negrada, a cachaça de litro, a arfares úmidos de mulata... era forte e era mel para que escapasse a um escritor como o de *Frederico Paciência*.

Entrar no Cine Santa Cecília tinha um peso de gravidade igual ao clima gótico de uma igreja católica às seis da tarde, à hora merencória do Angelus. Mais. Era um templo indu com suas estátuas de deuses, olhos iluminados de vermelho, alertas, no escuro de todas as exhibições de cinema. O Santa Cecília ficava bem na curva dos bondes que desciam a Praça Marechal Deodoro para pe-

As salas japonesas no bairro da Liberdade

Espacos do Sonho



O Alhambra ficava na Rua Direita, em São Paulo.

gar, na volada, os lados do Pacaembu, cortar flechando, ganhar a Igreja das Perdizes e descer, em ponto nove, a Avenida Água Branca, cantando nos trilhos.

Havia um quê mágico para um passeador naqueles cantões de Santa Cecília e Barra Funda, muito sorriso brasileiro da mulataria sestrosa e das gentes mestiças, dos carroceiros, dos carregadores, dos saqueiros num contraste fotogênico com a finura da Mansão Mormanno e seus anõezinhos entre as pedras e o estilo alemão mais a gravidade e graça indus do interior do Cine Santa Cecília.

Aquilo me dava o sonho, inda mais nas penumbras da noite espessa de estudante noturno, esperando o bonde de Vila Anastácio, sob o misticismo da luz elétrica como talvez só São Paulo para aqueles lados tivesse... ou tivesse só o meu São Paulo interior.

De pequeno, acho. Um coração acordado, espanta-

do com o espetáculo da vida e com alguns silêncios que as criaturas fazem e que tento ouvir, abelhudo, cauteloso e, creio, respeitador. A meu modo.

Provavelmente o cinema tenha me ajudado nisso.

Meu pai fazia-se seco para outras coisas. Dado ao bandolim, às rodas de choro e naquelas malocas na horizontal, o Beco da Onça, detrás do Campo do Palmeiras, em Vila Pompéia, cuidava de me levar ao cinema. Morávamos na Rua Caiovas, número 59 e ele, embora aquilo fosse favela e antes da nossa chegada se chamasse Navio Negro, lia três jornais por dia. E tratava de me levar ao cinema.

Na Rua Guaicurus, antes do tendal, um cinema maneiro, a gente o atingia rápido pegando o bonde Lapa no Largo da Pompéia. Bem. Lá fomos os dois, um dia, àquela sala que cheirava limpeza, toda cheia de frisos dourados. Levava um filme italiano e meu pai, calado. Pouca trela me dava.

Vieram na tela, em preto-e-branco marcado, o homem magro de chapéu e seu filho, molecote de calças curtas. Era história carregada, desemprego ou cata de emprego que fracassa. Eu pouco entendia a trama italiana, mal e mal podia seguir as legendas. Sabia, no fundo, haver sofrimento pesado. E misterioso para mim.

O pai e eu tivemos passagens penosas. Juntos, nos trens suburbanos, no mercado municipal lá nas margens do Tamanduateí, na vida mourejada do Beco da Onça. De assim, até a volta dos meus quatorze anos, andando juntos nas ruas, nós nos dávamos as mãos. Mas ele, duro.

Acenderam-se as luzes, olhei o pai e dei com algo sequer imaginado. Terminado o filme, aquele macho ali chorando. Não vou me esquecer, muita água já correu e não esqueci. Aquele homem eu nunca vira chorar.

Era *Ladrões de Bicicleta*.

* * *

No tempo de soldado raso, me veio um faniquito diferente, desses no meio da febre em que eu vivia, entre mulheres, zona, sinuca e aprontagens de rapaz. De repelão e inteiriço, um amor pelas coisas do Japão. Judô, sakê. Pintura, gravura, desenho, hai-cais, tudo de uma fonte, uma mina, o filme *Rashomon*, de Akira Kurosawa, baseado em um conto, *Dentro do Bosque*, de Ryunosuke Akutagawa ou na junção de duas histórias admiráveis do japonês.

Desandei a ver coisas no bairro da Liberdade, naquele tempo nada badalado, não folclorizado em atração turística numa cidade forte no trabalho, fraca nos postais por

mais que a mintam ou a vistam a rigor. Enfiava-me pelos restaurantes, lojas, academias de judô e tive, sim, camaradinhas judocas, educados, umas moças. Mas feras no tatami. Delicadeza das mulheres do Japão me tocava com suas manhas dissimuladas. Sonsas, sutis professoras. Freqüentei cada sábado, cada domingo, o cine Niterói, na Rua Galvão Bueno, e o São Joaquim; neles, vi pela primeira vez o muito longo *Guerra e Humanidade*, do senhor Kobaiashi. E filmes, em épocas e épocas, mostrando lendas, quimonos, gentes entre neves e montanhas e cerejeiras do Japão. Havia uns de oito, nove épocas.

Das composições notáveis em preto-e-branco, terá me ficado alguma coisa. E da música rascante, dolorosa. Do teatro singular, da dança. Foi no interior dos cinemas dos japoneses, na Liberdade, que senti pela primeira vez, na pele, a força do preconceito de raça. Sentia-me diferente dos outros, embora sem vontade de. Acendiam-se as luzes e, em toda a sala, só um não era nipônico. O único.

Provavelmente ninguém me notasse na sala comprida e cheia. Jamais me disseram uma palavra, fizeram um gesto. A discreção, vizinha da sutileza, é marca japonesa. Mas um sentimento fundo, na epiderme, me tomava. Eu me notava.

Provavelmente eu estivesse sobrando ali.

* * *

Havia os cinemas da Avenida São João, o magnetismo bem cheiroso do Metro e o Broadway e o Avenida. Dois últimos eram salas fuleiras e de cartazes enormes, espetaculosos do lado de fora para atrair espectadores. Semanas repetindo *O Misterioso Mascarado* ou um filme mexicano como *A Pecadora*, com Maria Antonieta Pons e o bolero *Hipócrita*, no tempo dos boleros, bolerizados, ou canções de Agustín Lara. Suas salas, sem graça, longe do mistério e da majestade do Alhambra ou do Santa Cecília ou de um mundo novo feito o do cinema japonês.

Vila Anastácio. Húngaro, polonês, rumeno, russo, lituano, português, armênio, espanhol, judeu, italiano... Já enfiado, às margens do Tietê, nos intestinos industriais da cidade, num subúrbio que era espécie de liga de povos escorridos dos países de origem, mistura, caldeirão de um feixe de nacionalidades e de sonhos desfeitos, Vila Anastácio, vim a conhecer um jornalista e pintor laureado (*Jornaleiros na Madrugada*) e que, me sentindo um curioso no mundo, me abriu os olhos. Havia umas entradas principais na arte. Fiquei sabendo um pouco de Chaplin, Eisenstein, Welles, Antonioni, Renoir, Rossellini, Zavattini, De Sica... e pintores e artistas de signifi-

cação complicada e monumental. De outras novas soube nas ruas do Anastácio, como de música húngara. Sequioso e sabendo ouvir, devo a essa gente. Com ela vivi, lado a lado, pedaços ruins de vida, que depois leria semelhantes nos livros fortes de Gorki, de Zola, de Graciliano... Alguma coisa em meu coração pendia para os magiães como um dia ele pendeu, em definitivo, para os cariocas. A alegria de viver.

A televisão mal nos chegara; o rádio era presença e o cinema, motivo para conversa até de botequim. Faziam-se piadas.

Um sujeito assistira a uma fita argentina com Hugo del Carril, no Cine Carlos Gomes, na Lapa-de-baixo. Na tela, o personagem central foge de seus perseguidores, bando furioso. Ganha a rua de sua casa. Os inimigos, atrás. Ele bate à porta, apressado. E com pavor:

— Madresita, abra depressa!

O herói a perigo. Os inimigos fechando no encalço.

— Abra, madresita!

Silêncio na sala. E lá do balcão, uma voz tremida ou gritada, rouquenta, imitando mulher. Um gaiato:

— Non puedo, estoy cagando!

Diante do olhar apavorado de Hugo del Carril, o cinema Carlos Gomes, na Lapa, desaba na gargalhada.

* * *

Depois, só depois das lições de João Vígiano, pintor e jornalista, descobri que um filme tinha um diretor. Caí, então, na SAC (Sociedade Amigos da Cinemateca) e conheci Rudá Andrade, Jean-Claude Bernardet, Paulo Emílio Salles Gomes. Tudo antes de 64.

Vi ciclos italianos, suecos, poloneses, japoneses, indianos, de cinema de animação, franceses no Ibirapuera ou na sala da Rua Sete de Abril, o cinema Coral. Estudei e li sobre.

Dei, também, para ouvinte de cursos de literatura na Faculdade Maria Antônia. Diacho. Aquilo chamado romance era sério. Também os filmes.

Uma noite, ninguém esperava, Antônio Cândido começou sua aula sobre o romance brasileiro *Senhora*, de Alencar, dando um esporro na chamada burguesia paulista.

Devíamos, de imediato, assistir a um filme que passava comercialmente no Coral. Era um italiano, de Antonioni, *A Aventura*. Tão bom que a platéia vaiava o tempo todo, xingava ou, debaixo de reclamações, deixava a sala de exibição.

E era assim.